

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

RAIANE MACHADO MOURA

**“KAÔ PAI XANGÔ!” - A REPRESENTAÇÃO DA UMBANDA NO DISCURSO DA
MÍDIA A PARTIR DO DOCUMENTÁRIO ROMANA E DA NOVELA O OUTRO
LADO DO PARAÍSO.**

**São Borja
2018**

RAIANE MACHADO MOURA

“KAÔ PAI XANGÔ!” - A REPRESENTAÇÃO DA UMBANDA NO DISCURSO DA MÍDIA A PARTIR DO DOCUMENTÁRIO ROMANA E DA NOVELA O OUTRO LADO DO PARAÍSO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Publicidade e Propaganda.

Orientador: Marcelo da Silva Rocha

**São Borja
2018**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

Moura, Raiane

“Kaô Pai Xangô!” - A representação da Umbanda no discurso da mídia a partir do documentário Romana e da novela O Outro Lado do Paraíso / Raiane Moura.

64 p.

M929“

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, COMUNICAÇÃO SOCIAL - PUBLICIDADE E PROPAGANDA, 2018. "Orientação: Marcelo Rocha".

1. Umbanda. 2. Representação. 3. Discurso da Mídia. 4. Identidade e diferença. I. Título.

RAIANE MACHADO MOURA

**"KAÔ PAI XANGÔ!" - A REPRESENTAÇÃO DA UMBANDA NO DISCURSO
DA MÍDIA A PARTIR DO DOCUMENTÁRIO ROMANA E DA NOVELA O
OUTRO LADO DO PARAÍSO.**

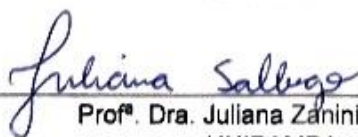
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de
Comunicação Social habilitação em
Publicidade e Propaganda da
Universidade Federal do Pampa,
como requisito parcial para obtenção
do Título de Bacharel em Publicidade
e Propaganda.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 05 de dezembro de
2018.

Banca examinadora:



Prof. Dr. Marcelo da Silva Rocha
Orientador
UNIPAMPA



Prof.ª. Dra. Juliana Zanini Salbego
UNIPAMPA



Prof. Dr. João Antônio Gomes Pereira
UNIPAMPA

Dedico este trabalho à minha irmã, à minha mãe, ao meu pai e, é claro, ao São Cipriano.

AGRADECIMENTO

Ao professor Marcelo, que aceitou o desafio de pesquisar comigo sobre algo tão pouco explorado, e que é de suma importância pra mim;

Ao meu pai, Clóvis, à minha mãe, Vera, e à minha irmã, Leidiane, que tiveram paciência e sempre me incentivaram a correr atrás dos meus sonhos;

À Scarlett (*in memoriam*), ao Severus, à Bellatrix, ao Niklaus, à Apple, à pequena Yoda, e à Maya, meus bichinhos que sempre me deram carinho quando eu mais precisei;

Aos meus amigos, que me mantiveram sã nesses últimos quatro anos;

À mãe Elaine da Oyá, que teve tanta paciência comigo nas milhões de perguntas durante o processo desse trabalho, além de ser a responsável por me mostrar o quão lindos são os Orixás.

Ao São Cipriano, dono da tesoura, meu amigo que é um ser de tanta luz, que foi o responsável por iluminar minhas ideias para fazer esse trabalho de tanta importância tanto para mim, quanto para todos aqueles que se dizem pertencentes a religiões de matriz africana;

RESUMO

O presente trabalho busca examinar a representação da Umbanda no discurso da mídia a partir do documentário Romana e da novela O Outro Lado do Paraíso. A pesquisa bibliográfica de cunho hermenêutico é utilizada como base para compreender os conceitos de representação, identidade e diferença, e discurso da mídia, em uma forma de entender como funciona suas relações de poder em relação às minorias, quando essas se tratam de religiões de matriz africana. Através desses conceitos, busca-se objetivar as informações para que se possa fazer a análise dos conteúdos audiovisuais, atrelando às informações da entrevista realizada com Mãe Elaine da Oyá, mãe de santo da casa de Umbanda Nação Nagô Africano, localizada em Santana do Livramento - RS, para a produção deste estudo. Como se trata de uma pesquisa de ordem hermenêutica, ressalta-se que esta é uma forma de ver os objetos de estudo, sendo possível chegar a inúmeros outros resultados. Nesse caso, a conclusão é que novela, documentário e religião têm ligação, e que a forma de exibição que a Rede Globo adotou serve para que o público possa aceitar a religião com maior facilidade, passando, assim, a conhecê-la aos poucos.

Palavras-Chave: Umbanda, representação, discurso da mídia, identidade e diferença, documentário, novela.

ABSTRACT

The present research intends to examine Umbanda's representation in media's speech through the documentary *Romana* and the soap opera *O Outro Lado do Paraíso*. Bibliographic research with hermeneutic nature is used as a base to understand the concepts of representation, identity and difference, and media's speech, as a form to understand how their relations of power work in relation to the minorities, when those are religions of african matrix. Through those concepts, we intend to objectify the informations so we can make the analysis of the audiovisual contents, hitching it to the informations of the interview realized with Mãe Elaine da Oyá, mãe de santo of Umbanda Nação Nagô Africano's house, located in Santana do Livramento – RS, to the production of this study. How it's about a research of hermeneutic order, we highlight that this is a form of viewing the objects of study, being possible to reach another innumerables results. In this case, the conclusion is that the soap opera, the documentary and the religion are related, and the form of exhibition that Rede Globo adopted works so the public can accept the religion with most facility, so, this way, they get to know it better.

Keywords: Umbanda, representation, media's speech, identity and difference, documentar, soap opera.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Altar da Mãe Oxum, pertencente à autora	10
Figura 2 – Captura de tela Instagram: Walcyr Carrasco	24
Figura 3 – Captura de tela do documentário Romana.....	29
Figura 4 – Cenário de O Outro Lado do Paraíso.....	29
Figura 5 – Captura de tela do documentário Romana.....	30
Figura 6 – Captura de tela da novela O Outro Lado do Paraíso	30
Figura 7 – Cena em que Mercedes conversa com Gael em frente ao seu altar.....	33
Figura 8 – Captura de tela do documentário Romana.....	36
Figura 9 – Captura de tela do documentário Romana.....	37
Figura 10 – Esculturas de pedra feitas por Romana	41
Figura 11 – Esculturas de pedra da casa de Mercedes	42
Figura 12 – Sala de Mercedes	43
Figura 13 – Captura de tela O Outro Lado do Paraíso.....	44
Figura 14 – Sala de Romana.....	45



Figura 1: Altar da Mãe Oxum, pertencente à autora.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 Representação.....	16
2.2 Identidade e diferença.....	17
2.3 Discurso da mídia	19
2.4 Umbanda.....	20
2.5 Documentário	21
2.6 Novela e ficção	22
2.7 Romana	23
2.8 Mercedes.....	23
2.9 Preconceito religioso	25
2.10 Charlatanismo dentro da religião	26
3 ANÁLISE.....	28
3.1 Casa de religião	28
3.2 Orixás e a orientação espiritual	32
3.3 Oferendas - axé	33
3.4 Mediunidade	36
3.5 Simplicidade e fé	38
3.6 Energias e os jardins	39
3.7 Acotá e o fim do mundo.....	42
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS.....	51
ANEXOS	55

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca examinar a representação da Umbanda no discurso da mídia a partir do documentário Romana e da novela O Outro Lado do Paraíso.

Para isto, será explicada a teoria da representação, a partir da apresentação de seus conceitos de identidade e diferença, e as relações de poder contidas ali. Logo, conceituaremos o discurso da mídia, para então contextualizarmos a Umbanda de forma histórica e social, e por último cotejaremos a identidade e a diferença no contexto do discurso da mídia no corpus a ser examinado: a religião dentro do documentário e da novela.

A ideia de trazer a temática religiosa em algum trabalho acadêmico nos foi passada através de uma consulta espiritual com um grande amigo africano. Com seu jeito humilde, São Cipriano, dono da tesoura, o espírito de luz que chega na casa de religião de Mãe Elaine da Oyá, pediu para que mostrássemos às pessoas esse lado da Umbanda que poucos têm acesso: o lado da bondade, da busca pela evolução do espírito de quem busca aquele lugar com fé.

Por pertencer à religião afro-brasileira já há alguns anos, conseguimos perceber que as religiões de matriz africana parecem ser consideradas como um tabu na sociedade, e mesmo quando são exploradas na mídia, como observamos em algumas produções, são através de uma mensagem bem superficial ou ainda de maneira caricata, e retratando o Candomblé, ou ainda sem diferenciar as religiões de matriz africana, como se fossem todas iguais.

Não foi necessário pensar muito até que percebêssemos que esse trabalho deveria ser feito como um trabalho de conclusão de curso, que consideramos, definitivamente, como o mais importante da faculdade. Afinal de contas, a melhor parte do Trabalho de Conclusão de Curso é poder pesquisar sobre aquilo que gostamos, e que nos constitui como sujeitos.

Por isso decidimos encarar o desafio de trazer a Umbanda para o meio acadêmico: tanto por ser um assunto pouco explorado, quanto também para tentar encontrar uma maneira de desmistificar, até onde for possível, essa imagem errônea do senso comum, que insiste em dizer que as religiões de matriz africana não fazem o bem.

O problema maior surgiu quando começamos a nos questionar de que maneira introduziríamos a Umbanda dentro de um assunto que envolvesse a

comunicação. Talvez através do ruído que há, já que grande parte das pessoas desconhecem a religião - segundo os dados do IBGE (2010), apenas 0,3% da população brasileira são Umbandistas ou Candomblecistas. Nota-se, nessa informação, que o senso sequer busca diferenciar as religiões, o que reforça o desconhecimento sobre elas.

Em tempo, mesmo sem conhecer as religiões de matriz africana, muitas pessoas usam as informações que têm formada por pré-conceitos. É possível perceber isso em comentários do senso comum “chuta que é macumba”, “esse só pode ser macumbeiro”, “essa aí é do saravá, toma cuidado”, comentários feitos de forma pejorativa.

Foi nesse momento – já assistindo às novelas –, que paramos para analisar a presença das religiões afro-brasileiras, e percebemos que a melhor forma de unir os dois assuntos era através da fala sobre a mídia, que é uma grande formadora de opiniões, e que não faz um trabalho adequado quando a questão é informar sobre as religiões afro-brasileiras.

Bezerra e Rodrigues (2016) apontam, em seu estudo *Da invisibilidade à visibilidade negativa das religiões de matriz africana na televisão brasileira*, que “o que se vê é uma programação do rádio e de TV que privilegia determinadas religiões e estigmatizam outras nas grandes mídias” (p.70). Isso é, enquanto há emissoras voltadas exclusivamente para mostrar cultos de determinadas religiões, como as programações evangélicas, por outro lado, é extremamente difícil encontrar material que mostre e/ou valorize o culto às religiões de matriz africana.

Em suma, acreditamos que a importância desta pesquisa seja tanto introduzir a Umbanda como um assunto possível de ser discutido – e não como um tabu, conforme foi mencionado –, como também para tentar entender o motivo de alguns aspectos religiosos serem removidos ou amenizados no discurso da mídia, quando o assunto é religião afro-brasileira.

Por isso foram escolhidas essas duas obras, a novela e o documentário, a fim de fazer comparações entre elas, utilizando informações acerca da religião. Assim exploraremos a vida de Dona Romana de Natividade ou “Mãe Romana”, como também é chamada, que é uma pessoa real, conhecida em Tocantins por ser “vidente”, e foi inspiração para a criação da personagem dona Mercedes, da novela *O Outro Lado do paraíso*, de Walcyr Carrasco, segundo o *Jornal do Tocantins*.

Faremos, a partir disso, uma busca por tentar entender porque a personagem “dona Mercedes”, interpretada pela atriz Fernanda Montenegro na novela *O Outro Lado do Paraíso* (2018), esconde alguns elementos que, analisando a vida da “dona Romana”, a grande inspiradora para a personagem fictícia, é possível perceber, são característicos da Umbanda. Buscamos compreender, ainda, se esses elementos realmente estão escondidos, ou se a forma escolhida para passar a mensagem é, de fato, proposital.

Considerando que o presente trabalho busca significar duas obras ao compará-las, com o objetivo de perceber como o discurso da mídia mostra a religião africana dentro de duas narrativas que não necessariamente dão a certeza que exploram a Umbanda, é possível constatar que se trata de uma pesquisa de ordem hermenêutica desde seu princípio, na escolha do corpora.

Segundo Zilles (2006), “a hermenêutica ocupa-se da interpretação dos signos em geral e, de modo especial, dos símbolos.” (p.243) Podemos perceber, assim, que hermenêuticas são as ciências da interpretação, e partindo do conhecimento que a análise presente neste artigo busca mostrar apenas uma das inúmeras constatações que poderiam ser compreendidas a partir desse objeto de estudo, é possível entender que a investigação parte de um viés interpretativo e, por isso, hermenêutico.

Como traz Ladrière (*apud* Zilles, 2006), a hermenêutica traz uma pré-compreensão, e não é possível, para o ser humano, distinguir até que ponto está sendo interpretativo. Sendo assim, surge o receio de até que ponto essa compreensão pode evitar se tornar uma crítica, ou ainda nas palavras de Ladrière, uma autoelucidação.

Embora a pesquisa possa parecer, por ser hermenêutica, algo baseado em uma simples doxa, é importante lembrar que essa forma de estudo ainda é considerada como ciência, e que esta pode levar a inúmeros resultados, por isso é uma forma de estudo tão válida quanto às demais.

Sendo assim, buscamos evidenciar essas informações, tal como agregar maior valor ao estudo com base em pesquisa bibliográfica, podendo assim apresentar uma sistematização que busca explicar os conceitos usados para a realização dessa análise, e dessa maneira articular com o tema proposto. Muitas vezes, segundo Duarte e Barros (2010, p.51), o estudo bibliográfico é utilizado como único método para a elaboração de um trabalho acadêmico.

Neste caso, essa forma de pesquisa é explorada no sentido de trazer informações para o trabalho, porém como se trata de uma avaliação de cunho interpretativo, o estudo bibliográfico se torna uma ferramenta de auxílio para o trabalho como um todo. Afinal de contas é impossível, em um trabalho acadêmico, fazer análises se despreendendo de conceitos base, ainda mais quando se trata de representação, discurso da mídia e questões de identidade com suas relações de poder.

Além do cunho interpretativo e bibliográfico, utilizaremos uma entrevista com a mãe de santo de Santana do Livramento, Mãe Elaine da Oyá, da Umbanda Nação Nagô Africano. A entrevista será realizada para esse trabalho acadêmico, a fim de coletar informações sobre a Umbanda que condizem com a linha explorada no presente estudo. Desse modo, um dos métodos de pesquisa será a aproximação da entrevista com as duas narrativas em audiovisual, do documentário e da novela.

Para fazer a aproximação dos conteúdos, analisaremos elementos como figurino, que Martin (2005, p. 76) destaca como sendo, "aquilo que está mais próximo do indivíduo, aquilo que, unindo-se à sua forma, o embeleza, ou, pelo contrário, distingue e confirma a sua personalidade". Dentro de nossa análise estarão presentes, ainda, os cenários que, segundo Martin, "o cenário (a paisagem) é escolhido em função da dominante psicológica da ação, condiciona e reflete, ao mesmo tempo, o drama das personagens" (p. 79). Essa é uma concepção impressionista de cenário, e é a que melhor se encaixa no presente estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O percurso teórico do presente trabalho busca examinar a representação da Umbanda no discurso da mídia a partir do documentário Romana e da novela O Outro Lado do Paraíso. Nesse sentido, trabalharemos com os conceitos de representação, identidade e diferença, e discurso da mídia, articulando-os à Umbanda e ao corpora selecionado.

2.1 Representação

Segundo Silva (2013), a representação é um sistema linguístico e cultural ligado diretamente ao poder e não é algo que está apenas na mente de uma pessoa. Ela precisa ser projetada de alguma maneira, seja por imagens ou palavras, algo que outra pessoa possa ter acesso e compreender. É também uma forma de atribuição de sentido da identidade e da diferença, por isso questioná-las remete automaticamente a questionar os sistemas de representação que lhes dão suporte.

É claro que questionar os sistemas de representação não é, exatamente, um problema. É possível - e talvez necessário - contestar as identidades hegemônicas existentes atualmente, segundo Silva (2013). Até porque a identidade e a diferença são construções culturais, ou seja, não existem desde sempre, e sequer são uma verdade absoluta, tendo que ser constantemente criadas e recriadas de acordo com as atribuições de sentido e, é claro, o seu poder perante essa sociedade.

Existem muitas culturas, e dentro dessas culturas, há uma enorme diversidade de identidades, e todas devem ser respeitadas ou no mínimo toleradas. Acontece que a estratégia mais comumente adotada, de acordo com Silva (2013, p.99), “consiste em apresentar [...] uma visão superficial e distante das diferentes culturas”, desta forma já realizando a atribuição ao poder à hegemonia, já que apresenta certas culturas dadas como diferentes, como curiosas e exóticas. Dessa forma já é feita uma separação entre o que é diferente, do que é hegemônico dentro do pensamento atual da sociedade.

Por isso, quando se trata de assuntos religiosos, até mesmo no ensino, é notável que as religiões mais consagradas na sociedade recebem maior destaque. Em especial, as religiões cristãs, como a católica e a evangélica. E isso é irrefutável, a julgar pela própria história, onde é possível perceber as relações de poder do

cristianismo, em especial a igreja católica, que marcou a história de maneira tão forte, em especial no período da Idade Média. E, em contrapartida, já que o assunto é sobre Umbanda, vale destacar como os negros eram tratados: partindo da escravidão, até o momento que sua crença foi, de certa forma, corrompida para se adequar aos padrões do catolicismo, a fim de não parar de cultuar seus Orixás¹. Esse ocorrido é o que chamamos de sincretismo, que a Umbanda adota até os dias atuais.

Com isso, é interessante utilizar a abordagem que Silva (2013) traz sobre a multiplicidade, que diverge da diversidade por se tratar de uma “máquina de produzir diferenças”, isto é, enquanto a diversidade se limita em apresentar identidades e diferenças já existentes, a multiplicidade se trata de fazer exatamente o que a palavra já diz: multiplicar. Criar novas identidades, novas diferenças, portanto, também novas visões do que já é conhecido, ou melhor dizendo, do que se pensa ser conhecido - tendo em vista que a maioria das pessoas que têm alguma forma de preconceito, ignoram o que é, de fato, aquela identidade que está sendo rejeitada, partindo apenas de uma visão superficial.

Por isso hoje temos uma palavra muito utilizada no senso comum, a “desconstrução”. Desconstruir nada mais é do que multiplicar identidades. Conhecer a fundo aquele tema que está sendo tratado, e enxergar através de novas perspectivas, a fim de poder tanto entender melhor sobre determinado conceito, como também para poder passar a informação para o próximo, ou ainda discutir sobre determinado tema.

2.2 Identidade e diferença

A identidade e a diferença estão interligadas, pois para “‘ser isto’ significa ‘não ser isto’ e ‘não ser aquilo’ e ‘não ser mais aquilo’ e assim por diante” (SILVA, 2013, p. 77). E no caso que exploramos na presente pesquisa, se trata do fato que ser de religião de matriz africana remete diretamente a não ser católico, evangélico, etc. Sendo assim, é algo diferente para a sociedade. É uma identidade, porém, que muitos conhecem apenas superficialmente.

¹ “Divindade. As figuras do sobrenatural que entram em contato com os homens através da possessão” (MAGGIE, 2001, p. 149). Também são chamados de Santos pelos Umbandistas.

Na sociedade, sempre é falado muito sobre respeitar o próximo, não importando as diferenças. E sempre vem à tona aquela questão de julgar quando o próximo não consegue entender questões que, para quem já está inserido nesse mundo da diversidade, não parece ser algo tão difícil de compreender. O que, na verdade, pode ser mais um problema.

É fácil julgar o próximo quando já se tem uma grande base e vivências que nos fazem entender e levar o diferente como algo normal, porém quem ainda não está inserido naquele contexto - e por isso às vezes teme ser inserido - tem todo o direito de temer o desconhecido, e cabe aos mais desconstruídos tentarem problematizar aquele assunto para que vire um tema de discussão, e assim se popularize, ou ao menos possa ir, aos poucos, deixando de ser considerado como um tabu. (SILVA, 2013).

A questão de problematizar é, ainda, um dos fatores mais relevantes ao pensar em fazer um trabalho de conclusão de curso que possibilite estudar e explorar a religião como as pessoas não costumam fazer. É um meio de trazer a Umbanda à academia, mostrar que é um assunto sério e que é necessário discutir sobre, para que não se limite a ficar escondido dentro das terreiras, e sofrendo preconceitos sem motivos.

É importante entender que o fato de A ser católico e B ser Umbandista são questões (identidades e diferenças) criadas pelo próprio homem no contexto social e cultural (SILVA, 2013). As religiões foram criadas, e então pessoas foram se inserindo nelas - ou ainda em outros grupos de diferentes crenças divinas, ou ainda as não divinas, como o ateísmo². O que acontece é que as pessoas estão tão adaptadas com as identidades existentes, que agem como se essas fossem inquestionáveis e sempre houvessem existido.

² Crença que nega a existência de um ou vários deuses. Se divide em duas vertentes: ateísmo forte e ateísmo fraco. O Ateísmo forte defende uma ideia contrária à existência divina e a criação do mundo por meio dela. Já o ateísmo fraco acredita que a insistência divina seja uma opção, portanto optam por abandoná-la. O agnosticismo é reconhecido por uma vertente do ateísmo fraco, e seus integrantes são aqueles que escolhem não se comprometer com uma crença. Não a negam, porém requerem provas mais concretas acerca da existência divina. (SOUSA, 2018)

2.3 Discurso da Mídia

De acordo com Kellner (2001), o discurso da mídia é uma cultura veiculada através de diferentes meios, que é capaz de modelar opiniões, sejam elas políticas ou de comportamentos sociais, de modo que oferecem informações para que as pessoas possam criar identidades, ou se inserir nas já existentes. Isso se dá a partir de recursos passados de forma que o público consiga se identificar, assim construindo uma cultura comum para a maioria das pessoas.

É claro que, como a cultura da mídia é industrial e visa o lucro, é necessário que se organize de maneira que consiga atingir o maior número de pessoas possível, e isso normalmente acontece, já que sua produção é de massa. Porém para isso acontecer, é necessário que ela esteja atenta à mensagem que é veiculada, a fim de que o público realmente consiga se identificar. Por isso as mensagens são apresentadas geralmente de maneira agradável, a fim de seduzir o público.

“A cultura da mídia e a de consumo atuam de mãos dadas no sentido de gerar pensamentos e comportamentos ajustados aos valores, às instituições, às crenças e às práticas vigentes”. Por isso, para algumas pessoas, se torna fácil aderir ao discurso, quando a mídia demonstra “quem tem poder e quem não tem, quem pode exercer força e violência e quem não.”: a mensagem veiculada busca com que as pessoas se identifiquem com aquela forma de pensamento. (KELLNER, 2001, p. 11)

Deste modo fica claro que a mídia é uma grande formadora de opiniões, ou seja, ela tem nas mãos que ideias serão passadas para esse público, quais serão seus pensamentos, questionamentos e posicionamentos em relação aos fatos da sociedade atual.

Porém, é claro, a mensagem precisa ser passada da forma correta, ou pode haver rejeição do público. O discurso da mídia não funciona como uma “agulha hipodérmica”³, como os estudiosos do passado acreditavam que seria. Pelo contrário, o público pode, sim, resistir a esse pensamento hegemônico defendido pela mídia, tendo sua própria interpretação da mensagem, recurso esse dado pela sua cultura,

³ “O próprio nome da abordagem [...] já se encarrega para evidenciar a onipotência (dos *mass media* e da sociedade) de um lado, e a vulnerabilidade (do indivíduo, do público) do outro (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2001). A agulha hipodérmica é uma teoria da comunicação que acredita que o receptor é passivo, então quando recebe a mensagem, é incapaz de negá-la.

que o fortalece intelectualmente, de modo que consiga inventar seus próprios significados e identidade. (KELLNER, 2001)

Dessa forma, fica claro que estamos falando de posições ideológicas que normalmente tentam exibir as formas dominantes de poder social, que é, de certa forma, o mais conveniente para a cultura midiática. Porém com um público tão diverso, com inúmeras identidades diferentes, é impossível abranger a todos, então cabe à mídia escolher como vai contribuir: se é para manter o poder da hegemonia, promovendo o fortalecimento desses pensamentos dominantes, ou se a contribuição se dará para a desconstrução de pensamentos, dando voz ao que é diferente, o que tem acontecido cada vez mais.

Dito isso, compreende-se que o discurso da mídia é um fator relevante para as associações do público, já que é um líder de opinião. Essas associações podem se dar de forma positiva ou negativa, considerando a maneira como as pessoas irão compreender e considerar as diferenças e as semelhanças de identidade com as próprias. Porém, também precisamos considerar que, embora o público identifique mais diferenças, ainda assim é possível aceitar e/ou respeitar, e até mesmo apreciar o trabalho realizado pela personagem.

A intenção deste trabalho é, portanto, estudar como a inserção da Umbanda é feita na através da novela *O Outro Lado do Paraíso*, usando como representação religiosa a personagem dona Mercedes, que foi criada seguindo a referência de dona Romana, cujo documentário tem seu nome.

Para isso, é necessário entender alguns aspectos da religião para que possamos fazer a análise, e também precisamos observar até que ponto a Umbanda está inserida no corpora – tanto da novela quanto do documentário - e se o discurso ali passado tem alguma pretensão de ser compreendido enquanto representação de alguma religião afro-brasileira.

2.4 Umbanda

Quando falamos sobre Umbanda, uma religião afro-brasileira que cultua os Orixás e/ou caboclos, exus e pretos-velhos, é comum associar logo ao Candomblé, também uma religião afro-brasileira que cultua os Orixás e/ou caboclos, exus e pretos-velhos, porém com aspectos que diferem das nações da Umbanda. Tais aspectos envolvem ritual, processo de obrigação, cultos, rezas, etc., porém, segundo Bastide

(2001, p.17), podemos diferenciar as inúmeras nações⁴ umas das outras “pela maneira de tocar tambor [...], pela música, pelo idioma dos cânticos, pelas vestes litúrgicas, algumas vezes pelos nomes das divindades, e enfim por certos traços do ritual”, isso vale tanto para diferenciar uma religião da outra, quanto para distinguir as nações dentro das próprias religiões – que também têm muitas divisões, por isso esse estudo visa trabalhar unicamente com a Umbanda nação Nagô Africano, para que as informações não acabem saindo do contexto conhecido por outras nações. É válido, ainda, ressaltar que a nação estudada nessa pesquisa é pura, isso é, não possui misturas com outras linhas da religião.

Lembrando que Nação pode se tratar de uma religião de matriz africana, ou de diferentes linhas da religião. Neste trabalho acadêmico utilizaremos a palavra “nação” com o sentido de diferentes linhas.

Ao decorrer da leitura, falaremos sobre a representação da Umbanda em contextos que não comprovam verbalmente que ela está inserida, porém é importante entender que a crença nas religiões de matriz africana não se dá apenas de ordem filosófica, ou seja, impalpável e reflexiva. Mãe Elaine da Oyá (2018) relata sobre vários elementos da religião, sejam eles elementos naturais, ou sejam as formas de culto, que incluem música e dança. Isto é, a crença é formada por uma mistura de emoções, reações, imagens e música, podendo, desse modo, ser percebida de diferentes maneiras dentro de um contexto.

Nesse sentido examinaremos a representação da Umbanda no discurso da mídia a partir do documentário Romana e da novela O Outro Lado do Paraíso, buscando apresentar elementos presentes nas obras, que também se fazem presentes na crença da religião afro-brasileira. Para isto, precisamos entender o que caracteriza uma obra audiovisual como documentário ou novela.

2.5 Documentário

De acordo com Ramos (2013, p. 22), podemos definir que documentário se trata de “uma narrativa com imagens-câmera que estabelece *asserções* sobre o mundo”, isto é, um documento em audiovisual que carrega verdades sobre seu objeto de estudo. E, embora tenha por trás uma realidade histórica, como se trata de uma

visão de seres humanos dotados de criatividade e interpretações, podemos entender que, em alguns momentos, é possível confundir determinados aspectos com ficção, porém sua singularidade e estabilidade com o real diferencia o documentário de um filme ficcional.

Antigamente, até o fim dos anos 1950, os documentários costumavam ter um formato semelhante, em que predominava uma locução fora-de-campo - também chamada de voz *over* ou voz de Deus. A partir dos anos 1960, porém, começaram a surgir outros formatos, que foram seguindo a visão estilística do cinema, segundo Ramos (2013), passando a apresentar um formato mais dialógico e, com isso, um tom mais dramático semelhante ao das ficções - e com isso somos introduzidos às entrevistas ou depoimentos: o formato trabalhado no documentário deste estudo.

Quando falamos sobre documentário, apresentando essa característica de haver asserção sobre o mundo, podemos nos questionar se elas também não são encontradas nos documentários. De fato, são, como afirma Ramos (2013). Porém há uma diferença entre documentário e uma ficção em forma de novela, por exemplo, já que a função do documentário é informar, e da novela é entreter. Embora possamos afirmar que tanto documentário pode ter elementos da ficção, quanto a novela também pode ter um caráter informativo.

2.6 Novela e ficção

O formato de ficção que conhecemos hoje como novela, surgiu no século XIX, e era chamado de *romance-folhetim*, e é de origem francesa. Diferente do que conhecemos hoje, o folhetim se dava em forma de texto literário, e na sua maioria era impresso em capítulos, embora também aparecesse nas rádios e teatro. (SOUZA, 2004, p. 121)

Segundo Souza (2004), o folhetim ganhou popularidade por volta de 1935, em Cuba. Mas foi nos Estados Unidos que, aproveitando o grande sucesso das radionovelas, surgiram as *soap operas*⁵. E a partir do sucesso - alto retorno publicitário -, o gênero foi exportado para a América Latina.

⁵ As indústrias do sabão (soap, em inglês), foram as patrocinadoras das primeiras produções de novelas em audiovisual. (SOUZA, 2004, p. 122)

Hoje a telenovela é o gênero campeão de audiência no Brasil. “Reflete momentos da história, dita modas, mexe com o comportamento da sociedade, influencia outras artes, presta serviços sociais” (SOUZA, 2004, p. 122). Isso é, podemos entender que as novelas, além de estarem muito presentes na vida da população brasileira, também são formadoras de opinião, levando sempre em consideração que as pessoas têm o livre arbítrio, a mensagem pode ser questionada.

2.7 Romana

O documentário que trabalharemos neste estudo teve sua estreia no dia 7 de junho de 2017, e tem 24 minutos de duração. Dirigido por Helen Lopes, “Romana” mostra a vida e a crença de dona Romana, uma mulher negra e mestra curadora em Natividade, no Tocantins. A produção teve início em 2014, quando começaram as visitas à casa de dona Romana. Conta com o apoio do Sesc (Serviço Nacional do Comércio no Tocantins), que forneceu o lançamento do curta-metragem (TOCULT, 2017).

No documentário, dona Romana conta sobre a missão que recebeu há mais de 30 anos, que implicava em preparar a Terra para o dia em que ela precisará se levantar no seu eixo. Sendo assim, ela construiu estruturas de pedra no próprio terreno, e preparou um galpão com sementes, garrafas cheias de água, livros e roupas, para o dia que, em suas palavras, “não houver mais o verde”, ela possa plantar essas sementes, receber as pessoas necessitadas em seu lar e dar-lhes de beber, comer e vestir.

2.8 Mercedes

A novela O Outro Lado do Paraíso começou a ser produzida em 2017, tendo sido finalizada em 2018. O primeiro episódio foi ao ar no dia 23 de outubro de 2017. É uma novela brasileira de Walcyr Carrasco, tendo a direção artística de Mauro Mendonça Filho e direção geral de André Felipe Binder. Conta a história de Clara

(Bianca Bin), que busca dar o troco pelo mal que um grupo de pessoas fez a ela no passado, enfatizando a Lei do Retorno⁶.

O autor da novela, Walcyr Carrasco, destaca a diferença da novela em comparação às outras da época.

Surgiram os temas modernos, como violência à mulher e abuso sexual. Mas sempre dentro de uma estrutura ágil, rápida, como exige o folhetim. Os acontecimentos se sucederam, inclusive com situações declaradamente fantasiosas. Alguns críticos não entenderam isso, pois procuraram realismo em uma novela que nunca quis ser realista. (Walcyr Carrasco, 2018, *online*)

Ressalta, ainda, que seu trabalho buscou inspiração na obra de Alexandre Dumas, O Conde de Montecristo⁷.



Figura 2: Captura de tela, Instagram: Walcyr Carrasco.

Neste trabalho, quando tratarmos da novela, falaremos especificamente sobre a Dona Mercedes e os aspectos que a envolvem, como elementos religiosos em sua fala ou cenário de sua casa. A personagem é uma mulher mística, que “cura as pessoas, tanto física quanto espiritualmente”, segundo o GShow, site oficial da Globo,

⁶ Diz respeito à ação e reação de forma mais imediata, ou seja, tudo que fazemos gera uma reação (positiva ou negativa) que retroage sobre nós mesmos. (BAIANO JUVENAL, 2016)

⁷ Figura 2.

emissora responsável pela novela. Interpretada pela atriz Fernanda Montenegro, Mercedes vive de forma simples em sua casa em Pedra Santa - casa essa que a personagem, ao longo dos anos, transformou em um grande abrigo que será usado para acolher pessoas quando o fim do mundo estiver próximo.

2.9 Preconceito religioso

Segundo Bezerra e Rodrigues (2016), podemos entender que a mídia apresenta um pensamento hegemônico por ser um aparelho ideológico do Estado. Sendo assim, busca passar ideias na intenção de que se propaguem de forma que as pessoas assumam para si as ideias ali mostradas. Um exemplo dado no artigo Da invisibilidade à visibilidade negativa das religiões de matriz africana na televisão brasileira, fala sobre a mensagem “não somos racistas”, e do quanto essa afirmação é, de fato, racista. Isso parte do princípio que a negação do racismo faz parte dele. Assim também funciona o preconceito religioso, principalmente se pararmos para analisar que a televisão aberta possui canais específicos para religiões cristãs, como a Rede Record que tem, em mãos, o que os autores chamam de “Igreja Eletrônica”.

No Brasil, o surgimento da Igreja eletrônica a partir da compra da TV Record pela Igreja Universal do Reino de Deus, em 1989 e do evento televisivo, em meados dos anos 1990, de um bispo evangélico chutando a imagem de Nossa Senhora Aparecida, são marcos no debate sobre mídia, racismo e intolerância religiosa.
(BEZERRA; RODRIGUES, 2016, p. 69,)

Assim, entendemos que a Igreja Eletrônica não apenas serve para distribuir informações sobre sua religião, quanto também é utilizada para desrespeitar às demais e, com isso, aumentar a intolerância religiosa.

Embora estejamos em um país laico - onde deveria predominar a democracia e o respeito pelas diferenças, segundo Rodrigues e Bezerra (2016, 70), “o que se vê é uma programação do rádio e de TV que privilegia determinadas religiões e estigmatizam outras”.

A hegemonia das duas vertentes Católicas e Neopentecostal demonstram o processo histórico de exclusão de parte da população e um distanciamento da realidade cultural do país, cheia de diversidade religiosa, condenada a exibir suas práticas na circunscrição de seus “terreiros”. (BEZERRA; RODRIGUES, 2016, p.67)

Bezerra e Rodrigues (2016) lembram que a Constituição de 1988 determina que “deve ser garantida a pluralidade dos direitos aos cidadãos, sem discriminação de sexo, raça ou religião”, porém isso está apenas no papel, sendo a prática totalmente diferente, já que a sociedade, com seus discursos preconceituosos - como o já citado “não somos racistas”, ou ainda “não existe racismo no Brasil” -, torna a população negra invisível e, com isso, também suas práticas culturais, em especial as crenças religiosas.

2.10 Charlatanismo dentro da religião

Como em toda religião, sempre existem aquelas pessoas que buscam tirar vantagens dos menos afortunados. Isso acontece, também, dentro de religiões afro-brasileiras, como a Umbanda.

As pessoas inventam muitas coisas. Virou muito comércio. Visam muito a mentira para tirar dinheiro das pessoas. [...] A pior parte do charlatanismo é o momento que uma pessoa está usando de má fé com a outra. Porque a pessoa procura a casa de santo com fé, acreditando, esperançosa que vai melhorar, que seu problema será resolvido, e o charlatão está apenas querendo o lucro. (Mãe Elaine da Oyá, 2018)

Entendemos que esse pode ser um grande fator para a visão negativa que envolve essas religiões. Inclusive, Mãe Elaine da Oyá (2018) afirma que “é um desrespeito à religião, porque é aí que ela começa a ser apedrejada, com base nessas mentiras”.

Nesse momento entra o questionamento: se outras religiões também possuem o charlatanismo, por que essa visão negativa é aplicada apenas nos casos de religiões afro-brasileiras?

Entendemos que isso parte da desinformação sobre as religiões de matriz africana. Enquanto o pensamento hegemônico vê religiões como a católica e a

evangélica todo o tempo, as religiões afro chegam nos ouvidos das pessoas normalmente através de informações negativas que partem do charlatanismo. Mãe Elaine da Oyá (2018) explica porque, mesmo quando a pessoa não tem má intenção, as coisas podem dar erradas em uma corrente:

Para ser mãe de santo e formar uma corrente, precisa ter capacidade. Para isso, é necessário ter axé, liberação. Até poderia fazer uma corrente, mas entra a questão da responsabilidade: mesmo tendo Orixá sentado, os guias sentados, com os exu sentados, está sujeito a alguma das pessoas pegar uma energia ruim, um escurecido, egum, na corrente. Então tem que haver uma preparação da mãe ou pai de santo – e fazer no lugar certo – para saber lidar com os problemas, caso haja algum.⁸

Isso é, como é uma religião que trabalha com energias, se torna muito fácil de dar algum problema caso não haja responsabilidade e conhecimento.

⁸ Mãe Elaine da Oyá (2018) explica conceitos como axé, liberação, exu e egum na entrevista em anexo.

3 ANÁLISE

Com efeito nesse trabalho, como foi referido, citaremos alguns exemplos em ambos os conteúdos em audiovisual, o documentário Romana e a novela O Outro Lado do Paraíso, que podem ser percebidos como característicos da Umbanda, a fim de entender as relações da ficção com o real. Para isso, citaremos fatores que aparecem tanto na religião, quanto em uma ou ambas as obras.

3.1 Casa de religião

Segundo Mãe Elaine da Oyá (2018)⁹, casa de religião é onde as pessoas praticam e tratam sua fé, e é o local que as pessoas procuram para desenvolver o seu lado espiritual. Essa casa pode pertencer a qualquer tipo de crença, desde que a pessoa consiga encontrar sua fé lá dentro.

Partindo dessa informação, podemos entender que tanto a casa de dona Mercedes quanto a de dona Romana são casas de religião, pois em ambos os cenários, pessoas vão até lá para encontrar a fé, pedir auxílio espiritual ou até mesmo para curar doenças físicas.

Além disso, as casas possuem aspectos em comum como, por exemplo, as imagens que foram pintadas nas paredes. Em ambos os casos, podemos ver imagens de santos católicos e/ou com referências divinas¹⁰. No caso de Mercedes, não houve uma explicação de como surgiram essas pinturas, mas Romana nos explica que teve visões que mostravam a ela como – e de que maneira – as imagens deveriam ser pintadas.

⁹ Entrevista disponível em anexo.

¹⁰ Figuras 3 e 4.



Figura 3: captura de tela do documentário Romana.



Figura 4: cenário de O Outro Lado do Paraíso. Foto: Raquel Cunha/Rede Globo.

Em certos momentos, também é perceptível a presença visual de santos ou caboclos de religiões de matriz africana, como Iemanjá e um Preto Velho, no cenário da casa da dona Romana¹¹, e de Oxum na casa da dona Mercedes¹².

¹¹ Figura 5.

¹² Figura 6, no canto superior direito.



Figura 5: captura de tela do documentário Romana.



Figura 6: captura de tela da novela O Outro Lado do Paraíso.

Esses aspectos mostram que há presença de religiões de matriz africana contidos no cenário e na fé das duas mulheres. Embora não seja feita menção direta em nenhum dos casos, os Orixás – com a imagem negra – se fazem presentes apenas em religiões de matriz africana, embora seja válido ressaltar que não são todas elas

que trabalham com os santos. O exemplo que Mãe Elaine da Oyá (2018) relata é sobre a Quimbanda, que trabalha mais como Exu, que ela descreve como aqueles “espíritos que estão mais próximos de nós - estão entre nós. E são também os que trabalham mais rápido”.

Quem trabalha mais com exu, é a Quimbanda.
Casas quimbandeiras são as que trabalham com exu. As casas santeiras são as casas que trabalham com santo. A minha casa é santeira. (Mãe Elaine da Oyá, 2018)

A mãe de santo também explica porque geralmente pensamos que os Exu são os responsáveis pela má fama da religião,

Exu é o escravo do santo [...] Exu e pomba-gira são a mesma coisa. Um é exu feminino, o outro masculino. Ai tem as variedades dos nomes de cada um. [...] Tem casas que o levam para o lado negativo, mas na nossa lei, na nossa casa, o exu é usado para o nosso benefício. Nós o trazemos para o lado positivo, pois precisamos de equilíbrio. Não lidamos com ele no lado negativo. (Mãe Elaine da Oyá, 2018)

E existem, ainda, aquelas nações que trabalham exclusivamente com a linha de caboclos, sem os Orixás. Percebemos, então, que esse não é o caso de Mercedes, e nem de Romana, já que ambas demonstram sua fé nos santos. Nunca chegam a mencionar caboclos ou Exus.

Até os dias de hoje, os centros de Umbanda têm o costume de utilizar as imagens católicas como representação dos seus Orixás, o que difere do Candomblé, que utiliza apenas a imagem negra dos Orixás, como explica Mãe Elaine de Oyá (2018). Por isso, quando as câmeras do documentário captam imagens como São Jorge, São Miguel Arcanjo, Nossa Senhora Aparecida e Jesus, os Umbandistas veem Ogum, descrito por Mãe Elaine da Oyá (2018) como “Orixá de guerra. Guerreiro, vencedor de demandas, dono do trabalho, senhor do ferro e da prosperidade. Suas representações na natureza são o ferro, a terra e o fogo”; Xangô “Orixá de guerra. Dono do buraco, da justiça, da garganta, dono da voz. Sua representação na natureza é o trovão”; Oxum “Orixá de praia. Dona do ouro, da fartura, da doçura, do amor, da família, dos filhos, da maternidade, gravidez. Suas representações na natureza são as águas doces e a chuva fraca”; e Oxalá “Orixá de praia. Pai maior. Dono da sabedoria, da paz, da clareza, tranquilidade, prosperidade, da riqueza. Suas representações na natureza são a atmosfera e o céu”, respectivamente.

3.2 Orixás e a orientação espiritual

Mãe Elaine da Oyá (2018) explica que,

Espírito de luz, no espiritismo, é aquele espírito que evoluiu e voltou com luz. Uma pessoa que faleceu, se desenvolveu, evoluiu e voltou. Na Umbanda é diferente. Espírito de luz é um caboclo, preto velho. Exemplos são Ogum, que é um espírito de luz guerreiro. Xangô, As mães d'águas, Orixás, São Cipriano. Os Orixás são espíritos de maior grandeza, dos espíritos de luz. É o mais evoluído.

No caso de Mercedes, em todo o decorrer da novela, a personagem mantém uma crença forte em – prováveis guias espirituais, ou espíritos de luz – algo que ela chama de “eles”, que ela nunca chega, exatamente, dizer quem são. Podem – ou não – ser Orixás. Essa é uma característica que ambas as personagens têm em comum, pois Romana faz menções semelhantes em diversos momentos do audiovisual e afirma, ainda, receber orientação espiritual de algo que ela chama de “três curadores”. Ela ressalta que nem mesmo ela tem conhecimento de seus nomes, e que estes serão relatados apenas quando chegar a hora certa.

Em um momento da novela, o personagem Gael (Sérgio Guizé) recorre à dona Mercedes para que o abençoe. O personagem estava passando por problemas e precisava de algo que o ajudasse a enfrentá-los. Mercedes atendeu ao seu pedido, fazendo uma espécie de oração com o que parecia ser uma divindade feminina, possivelmente uma santa protetora, que ela chamava de “mãe maior”. Isso aconteceu em frente ao seu altar que, coincidentemente tem a imagem de Oxum¹³, que segundo Mãe Elaine da Oyá, é a Orixá da maternidade, responsável pela prosperidade e proteção às grávidas. Ou seja, uma grande referência à “mãe maior”.

¹³ Figura 7.



walcycrcarrasco



Curtido por **talitayounann** e outras **9.710** pessoas

walcycrcarrasco Mãe santíssima, mãe de tanto amor, guarda esse teu filho no teu manto. E dê a ele, ó mãe amorosa, esse amor de mãe que Gael nunca, nunca teve. O teu amor, mãe santíssima, é o verdadeiro amor e vai proteger. Amém! #mercedes #gael #outroladodoparaíso

Figura 7: Cena em que Mercedes conversa com Gael em frente ao seu altar. Instagram: Walcyr Carrasco.

3.3 Oferendas - axé

Quando falamos sobre oferendas, é comum, a princípio, ter certa aversão quando não se entende o propósito do que é feito, principalmente por algumas dessas oferendas se tratarem de sacrifício de animais. O que ocorre, porém, é que esse tipo

de oferenda não acontece apenas dentro das religiões de matriz, africana, e sim vem de crenças mais antigas.

Um grande exemplo disso é o seguinte trecho da Bíblia que, além de mencionar o holocausto¹⁴, faz também menção à oferta de sangue à divindade, o que na Umbanda é chamado de “axé”, segundo Mãe Elaine da Oyá (2018).

1 E CHAMOU o Senhor a Moisés, e falou com ele da tenda da congregação, dizendo:

2 Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando algum de vós oferecer oferta ao Senhor, oferecereis as vossas ofertas de gado, de vacas e de ovelhas.

3 Se a sua oferta *for* holocausto de gado, oferecerá macho sem mancha: à porta da tenda da congregação a oferecerá, de sua própria vontade, perante o senhor.

4 E porá a sua mão sobre a cabeça do holocausto, para que seja aceito por ele, para a sua expiação.

5 Depois degolará o bezerro perante o senhor; e os filhos de Aarão, os sacerdotes, oferecerão o sangue, e espargirão o sangue à roda sobre o altar que *está diante* da porta da tenda da congregação. (A Bíblia, Levítico 1:1-5)

Além disso o que, na Umbanda, difere da citação do livro católico, é que suas oferendas não se tratam de um holocausto, e sim de sacrifício. Isso é, é oferecido apenas o sangue do animal, ou seja, o axé, para a entidade, enquanto o restante pode ser aproveitado. O seguinte trecho da Bíblia ressalta o uso do sangue – o axé – na realização da oferenda, e evidencia o termo holocausto no sentido de sacrificar e queimar o restante da carne.

“15 Depois tomarás um carneiro, e Aarão e seus filhos porão as duas mãos sobre a cabeça do carneiro,

16 E degolarás o carneiro, e tomarás o seu sangue, e o espalharás sobre o altar ao redor;

17 E partirás o carneiro em suas partes, e levarás as suas entranhas e as suas pernas, e as porás sobre as suas partes e sobre a sua cabeça.

18 Assim queimarás todo o carneiro sobre o altar: é um holocausto para o senhor, cheiro suave; uma oferta queimada ao senhor. (A Bíblia, Êxodo 29:15-18)

¹⁴ Oferenda a uma divindade, na qual toda a oferta é queimada, diferente do sacrifício, na qual apenas as partes não-comestíveis são queimadas. (Dicionário Informal, 2009)

Conforme a mãe de santo explica na entrevista, “fica a critério do médium escolher se quer levar o bicho para casa, para se alimentar, ou se ele será dado em forma de caridade” (Mãe Elaine da Oyá, 2018). Ela versa, ainda, que quando seus filhos de santo optam por não levar a carne para casa, esta é doada para comunidades carentes da cidade.

Porém, quando falamos sobre sacrifício animal, é importante entender como isso funciona dentro da lei. Embora hajam algumas cidades que conseguem aprovar leis que proíbem o sacrifício animal para práticas religiosas, como o caso de Cotia, um município de São Paulo, “esse tipo de medida costuma ser derrubada com base no artigo 5º da Constituição, que garante a liberdade para a prática religiosa” (CORDEIRO, 2018). É claro que isso não se aplica quando existem maus tratos. Para esse caso, está prevista prisão do responsável na lei. Porém, no culto Umbandista, o corte precisa ser rápido, de modo que o animal não tenha tempo de sofrer.

A lei gaúcha 12131 de 22 de julho de 2004 acrescenta um parágrafo único ao artigo 2º da lei 11915 de 21 de maio de 2003, que institui o código estadual de proteção aos animais no Rio Grande do Sul. Esse parágrafo versa que “não se enquadra nessa vedação o livre exercício dos cultos e liturgias das religiões de matriz africana.”, ou seja, enfatiza o direito de prática religiosa já estabelecido na Constituição (LEIS ESTADUAIS, 2004).

Na novela *O Outro Lado do Paraíso*, os roteiristas optaram por não exibir cenas de quaisquer tipos de rituais de oferendas - essas eram feitas comumente apenas através de velas, que a personagem acendia para os santos. De acordo com Mãe Elaine de Oyá (2018), a oferenda da vela é tão importante quanto o sacrifício do animal dentro da religião, desde que haja fé.

Já no caso de dona Romana, embora não tenha menções de sacrifícios ou ainda holocaustos, existe a presença da vela acesa, e também é dada bebida em forma de oferenda para “eles”¹⁵.

¹⁵ Figura 8.



Figura 8: captura de tela do documentário Romana.

3.4 Mediunidade

Segundo Mãe Elaine da Oyá (2018), todas as pessoas nascem com um pouco de mediunidade¹⁶. Algumas precisam desenvolver, outras não. E há aquelas que não têm a necessidade de desenvolver, mas escolhem fazê-lo. Versa, ainda, que todo médium que participa das correntes de religião, acaba desenvolvendo a mediunidade com o tempo. A Mãe de Santo relata que existem vários tipos de mediunidade, e os classifica.

Há vários tipos de mediunidade, como: ouvinte, que consegue apenas ouvir as entidades; sensitivo, que consegue sentir a presença das entidades; aquele médium que recebe¹⁷ entidade; aquele que vê coisas através de sonhos; o que pode jogar cartas; o que tem um sexto sentido, que consegue dizer alguma coisa para a pessoa só de olhar para ela. Também há aqueles médiuns de corrente¹⁸ na casa de religião. (Mãe Elaine da Oyá, 2018)

¹⁶ Contato com o espírito dos mortos. (Dicionário Informal, 2015)

¹⁷ A Umbanda não utiliza o termo “incorporar”, e sim “ocupar”.

¹⁸ Segundo Mãe Elaine da Oyá (2018), “corrente de religião geralmente é uma união de energias positivas, uma sintonia de pessoas na mesma vibração.”

O que vimos no caso da dona Romana, é que ela tem as habilidades de ouvir – pois ela ouve “eles” – e de ver. Embora ela não veja os autores das vozes, ela consegue ver o que eles mostram¹⁹ a ela. No documentário, Romana fala sobre as imagens que “eles” exibiam, e a mandavam desenhar no chão, para que mais tarde pudesse reproduzir em sua casa. No início – quando sua mediunidade começava a se mostrar forte –, ela adoeceu e sentia dores de cabeça, que só passavam quando ela ia para o mato, onde conseguia ver as imagens. Após duas semanas trabalhando dessa maneira, suas dores começaram a passar, porém as imagens continuam aparecendo até os dias de hoje.



Figura 9: captura de tela do documentário Romana.

Mãe Elaine da Oyá, em seu relato, explica porque ocorreram essas dores de cabeça de Romana, classificando-as como normais na hora em que uma pessoa está descobrindo a sua mediunidade aguçada.

As pessoas que têm mediunidade para ser desenvolvida acabam tendo a vida atrapalhada se não a desenvolvem. Dessa forma, as próprias entidades se encarregam de levar a pessoa para uma casa de religião, para que possam desenvolver. Todo médium passa por algo que vai levá-lo para uma casa de religião, seja um problema, uma doença, etc. (Mãe Elaine da Oyá, 2018)

¹⁹ Figura 9.

No caso de Dona Mercedes, porém, como a novela já começa com a personagem já tendo a mediunidade muito desenvolvida, não sabemos, ao certo, como se deu o descobrimento de seu dom. Porém, a novela exhibe o desenvolvimento de Cléo (Giovana Cordeiro), neta de dona Mercedes, quando começa a ouvir sons. Inicialmente, ela ouve apenas uma música. Ao questionar à avó, Mercedes responde apenas que também está ouvindo a música, e que esta é linda. “Ouve. Abre teu coração, e ouve. Agora eu sei o que antes eu sentia. Agora eu sei”. Com o tempo ela (Cléo) começa a ouvir as vozes “deles”, junto à avó.

3.5 Simplicidade e fé

A simplicidade está muito presente na Umbanda. Seja na fala dos caboclos e Pretos Velhos, seja no pé descalço, rejeitando quaisquer calçados confortáveis. Essa forma de ser não deve estar presente apenas nos espíritos de luz, mas também na mãe ou pai de santo, e também nos médiuns participantes daquela casa, como já afirma Mãe Elaine da Oyá (2018), ao ditar as regras principais para ser um médium de corrente²⁰.

- Banho de descarga é fundamental;
- Ser uma pessoa que não guarde mágoa;
- É necessário limpar seu coração de sentimentos ruins;
- Precisa saber que vai fazer caridade, que vai ajudar o próximo. (Mãe Elaine da Oyá, 2018)

Quando a mãe de santo enumera as regras para ser um médium em uma casa de religião, ela também evidencia que, para estar dentro da religião, a pessoa precisa ter a humildade de amar o próximo, independente de quem seja.

Para enfatizar esse pensamento, Mãe Elaine da Oyá recentemente criou um projeto de caridade chamado “Fazer o bem”, no intuito de ajudar as comunidades carentes em conjunto aos seus filhos de santo, que andam por Santana do Livramento distribuindo sorrisos aos menos afortunados.

²⁰ Círculo de pessoas onde tem uma união de energias. [...] Uma corrente de religião geralmente é uma união de energias positivas, uma sintonia de pessoas na mesma vibração. (Mãe Elaine da Oyá, 2018)

Através de seu projeto solidário, que contou com a distribuição de doces, brinquedos e bolo no último dia das crianças – e também dia de Nossa Senhora Aparecida, a Oxum no sincretismo –, a mãe de santo já planeja as novas datas, no intuito de fazer ações de distribuição de presentes e alimentos para os mais necessitados mensalmente.

Dona Romana, por sua vez, conta que passou fome em um período de sua vida, pois seus guias não a deixavam cobrar nada pelos serviços prestados através de sua mediunidade, que implicava em fazer medicamentos fitoterápicos e distribuir de forma gratuita a quem a procurava por necessidade.

A vidente conta que, em certo período de sua vida, eram produzidas mais de 300 garrafas de remédio por dia, e que seu único pagamento era o que as pessoas levavam em forma de comida por vontade própria.

Além disso, “eles” não aceitavam que ela fosse perguntar, por exemplo, para um profissional, como produzir aquilo que os guias a mandavam fazer. Romana explica que precisou errar diversas vezes a medida dos materiais para fazer o cimento que se transformaria nas pedras de seu jardim, até aprender a fazê-los com a sua prática. Ou seja, não importava a qualidade do trabalho, e sim que ela o estaria fazendo por amor, pela sua crença, pela fé, dedicação e principalmente pela força de vontade.

No caso de Mercedes, a personagem nunca foi mostrada cobrando pelo serviço prestado, e também jamais recusou atender a quem lhe recorresse pedindo socorro. Mesmo com aqueles personagens que carregavam maldade consigo, ela buscava uma forma de ajudar essa pessoa a encontrar bondade dentro de si, e conseguia ver isso nas pessoas, assim como sabia a forma certa de orientar para que as pessoas pudessem evoluir espiritualmente. Porém, evidentemente, só dava certo se a pessoa tivesse, de fato, fé e vontade de mudar, de melhorar. Como diz Mãe Elaine da Oyá (2018), “para a pessoa transformar sua vida, tudo depende da fé que ela coloca naquilo que faz”.

3.6 Energias e os jardins

As energias emanadas por uma corrente são complexas. Ao mesmo tempo que é algo bom fluindo através de duas ou mais pessoas, é também uma forma de sincronizar os pensamentos. Isso é, para que haja um bom fluxo de energia, é

necessário que todos os presentes estejam em paz, tranquilos e saudáveis, para que cada pessoa presente na corrente consiga transmitir apenas coisas boas, conforme relata Mãe Elaine da Oyá (2018).

Porém, essas energias também são importantes na hora de fazer uma obrigação²¹, por exemplo. Segundo a mãe de santo entrevistada para esse estudo, “o Orixá quem vai tocar é a mãe de santo e a pessoa que vai amadrinhar o médium na obrigação. Mais ninguém fica tocando na bateia²²” (Mãe Elaine da Oyá, 2018). A mãe de santo relata que

outras pessoas não devem ficar mexendo, pois a pessoa que está em obrigação faz os seus pedidos ali na bateia, e outra pessoa chegar para mexer, corre o risco de fazer pedidos contrários, com má intenção. (Mãe Elaine da Oyá, 2018)

Quando questionada sobre o “lado ruim” da religião, Mãe Elaine da Oyá nos explica o que quis dizer ao mencionar essa energia negativa que as pessoas podem tentar passar ao tocar em uma bateia que não é sua.

A religião não tem um lado ruim. Ela é boa, porque todas as entidades (orixás, caboclos, exus), todos os pais são bons, são de uma grandeza imensa. Quem é ruim é o médium (o ser humano). Não tem religião ruim. Quem faz a parte ruim é o ser humano, que usa a religião para outros fins. (Mãe Elaine da Oyá, 2018)

Ou seja, explica porque existe essa exclusividade quanto às pessoas que vão poder tocar nos objetos de trabalho da mãe de santo. Dessa maneira, já nos mostra que existe uma seletividade: apenas pessoas de confiança têm acesso. Geralmente a mãe de santo já possui uma auxiliar, esta é chamada de cambona²³.

Dona Romana, por sua vez, relata que não era qualquer pessoa que podia ajudar no desenvolvimento do seu trabalho, apenas as pessoas selecionadas. As

²¹ Axé, sacrifício de animais – a comida que se dá para os pais (Orixás). (Mãe Elaine da Oyá, 2018)

²² Vasilha utilizada em rituais de religião de matriz africana, o exemplo dado por Mãe Elaine da Oyá foi o alguidá da Oxum, que é como um prato de vidro onde vão os objetos da Orixá.

²³ Médium auxiliar da mãe ou pai de santo. “Tem como função auxiliar os médiuns incorporados nas consultas, anotar as receitas, traduzir palavras dos caboclos e pretos-velhos para os consulentes etc” (MAGGIE, 2001, p. 141). A mulher pode também ser chamada de samba, e o homem de cambono.

outras, sem permissão, que tentavam mexer na construção do seu jardim de pedras²⁴, acabavam passando mal. Tinha que ser a própria Romana a fazer o trabalho principal: só ela podia tocar nas pedras que, hoje em dia, formam esculturas que envolvem sua casa em Natividade, Tocantins.



Figura 10: esculturas de pedra feitas por Romana. Foto: TV Anhanguera/Reprodução

Dona Mercedes possui um jardim de esculturas²⁵ que, em alguns aspectos, lembra o de Romana. A cidade fictícia onde a personagem reside foi nomeada como Pedra Santa, e também é localizada no Tocantins. Inclusive, para trazer mais identidade do Tocantins, o caminho cercado por muros que segue em direção à casa foi construído com pedras tapiocanga, típica do serrado²⁶.

²⁴ Figura 10.

²⁵ Figura 11.

²⁶ Informações retiradas do Uol.



Figura 11: esculturas de pedra da casa de Mercedes. Foto: Raquel Cunha/Rede Globo

3.7 Acotá e o fim do mundo

A novela *O Outro Lado do Paraíso* termina com uma mensagem profética de Mercedes, em que a personagem afirma que, quando o mundo acabar, só vai restar o Tocantins. Sua casa, inclusive, é estruturada para receber pessoas de todos os lugares quando isso acontecer. Por isso, Mercedes guarda, em uma sala de sua casa, vários tipos de ervas, plantas, livros, roupas, comida no geral, e muita água em garrafas pet²⁷.

²⁷ Figura 12.



Figura 12: Sala de Mercedes. Raquel Cunha/Rede Globo

O seguinte discurso foi proferido ao final da novela *O Outro Lado do Paraíso*. Conforme a personagem deixa claro em seu depoimento ao final da novela, sua missão na Terra é ajudar as pessoas, por isso dedicou sua vida a organizar um local, para quando chegar a hora de acolher pessoas necessitadas em sua moradia.

“Esta é a história de Clara. É uma das muitas histórias que acontecem no Jalapão, no Tocantins. O Tocantins! Quando o mundo acabar, só restará o Tocantins! Eu ou minha neta, estaremos esperando com alimentos, água, roupas, sementes para plantar, livros para estudar, tudo que já estoquei durante a vida toda. É minha missão. Surgirá uma nova civilização, sem guerras ou ódio. Baseada no amor e na fraternidade. Entretanto, até lá, no passado, no presente, no futuro, as pessoas, eu, você, nós, continuaremos a eterna luta entre a luz e a escuridão. Mas, seja pelo sofrimento ou pela dor, pela alegria ou pelo amor, todos um dia encontrarão a Luz Maior”. (Mercedes, *O Outro Lado do Paraíso*, 2018)

É válido analisar o contexto em que as palavras são proferidas por Mercedes: ao final da novela, quando toda a história já foi contada. Enquanto a câmera se afasta de Mercedes, em um movimento de *travelling*, que Martin (2005, p. 58) define como uma “deslocação da câmera durante o qual o ângulo entre o eixo óptico e a trajetória da deslocação permanece constante” podemos perceber o cenário²⁸ sendo

²⁸ Figura 13

desmontado, o que indica uma relação com a vida real, possivelmente é o momento em que a novela revela que a mensagem pertence à vida real.



Figura 13: Captura de tela O Outro Lado do Paraíso.

Esse mesmo discurso é proferido por dona Romana que, inclusive, tem um quarto semelhante²⁹, que serviu de inspiração para a elaboração da sala criada para a novela. Lá, dona Romana também afirma guardar ervas, plantas, livros, roupas e comidas para quando o mundo acabar.

Dona Romana afirma que sua casa é uma “casa de energia do fundamento” de sua crença. “Então, na hora que bater o levantar da terra, essa casa vai se transformar em algo muito diferente de tudo” (ROMANA, 2017). Ela afirma que, um dia, a terra vai levantar, e “eles” dizem que quando isso acontecer, nem mesmo ela, a criadora das esculturas, reconhecerá as pedras, pois elas vão se transformar completamente, ganhando vida. Ela chama esse fenômeno de “O grande eixo”.

²⁹ Figura 14.



Figura 14: Sala de Romana. Foto: TV Anhanguera/Divulgação

Na Umbanda, as pedras dos santos têm um nome: acotá. Quando o médium dá comida para o seu acotá, ali nasce o Orixá. Desse modo, a pessoa dá vida para aquela pedra. “Para sentar Orixá em uma pedra, a pedra precisa ter vida: a mãe de santo coloca a pedra no meio da mão e tranca a respiração. Aí ela (a pedra) vibra se tiver vida” (Mãe Elaine de Oyá, 2018).

Quando paramos para pensar no “Grande Eixo” de Romana, nas pedras presentes no jardim de Mercedes, e associamos à realidade dos acotás da Umbanda, podemos perceber a relação entre o uso das pedras e da vida contida nelas.

Enquanto a mãe de santo Santanense utiliza o termo “sentar” o Orixá – que apenas ela e um número seleta de pessoas podem ter contato devido às energias, – a mãe Romana de Natividade fala que, um dia, suas pedras – construídas por ela – ganharão vida e irão “levantar”. É interessante observar o jogo de palavras dito de maneiras opostas, porém com um significado semelhante: tanto “sentar” o Orixá quanto as pedras levantando remetem a dar vida àquelas pedras.

Os jardins de Romana e Mercedes parecem ser, afinal de contas, um jardim de acotás, cheios de vida e que, segundo Romana, um dia irão levantar e mostrar a todos que ali existe vida de verdade, trazendo uma nova realidade para as pessoas que aqui ainda habitarem.

Possivelmente o referido dia é o mesmo que Mercedes (2018) apresenta, em sua fala, como o momento em que “surgirá uma nova civilização, sem guerras, ou ódio, baseada no amor e na fraternidade”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise de como as minorias podem ser representadas na mídia de uma forma positiva para a maior parte do público, sem causar polêmica com o público conservador, e sem atingir o público representado por mostrar uma visão mais superficial.

O caso tratado foi a religião de matriz africana Umbanda nação Nagô Africano, porém entendemos que podem haver referências a outras nações da Umbanda dentro do contexto exibido, porém as particularidades e informações coletadas para o presente estudo e foram aqui tratadas, pertencem a essa nação.

O objetivo do trabalho era, então, examinar a representação da Umbanda no discurso da mídia a partir do documentário Romana e da novela O Outro Lado do Paraíso. Para tal, exploramos a teoria da representação, apresentando, através dela, os conceitos de identidade e diferença, e suas relações de poder. Então, conceituamos o discurso da mídia, e contextualizamos a Umbanda de forma histórica e social, para então cotejar a identidade e a diferença no contexto do discurso da mídia através do corpus da religião dentro do documentário e da novela.

A importância de falar sobre religiões de matriz africana no contexto de um trabalho acadêmico vai além de conhecer uma ou mais religiões que estamos pouco habituados a ouvir falar sobre: é uma forma de tentar combater o preconceito religioso ainda tão presente na sociedade nos dias atuais. A Umbanda é, ainda, um assunto pouco explorado dentro e fora da academia, sendo normalmente criticada de forma negativa pelo senso comum. Enxergamos, através do material em audiovisual, uma oportunidade de entender melhor sobre essa religião de matriz africana, e então apresentar para que outras pessoas também possam ter acesso ao material, a fim de que a presente pesquisa acadêmica seja mais um dos meios de informação acerca desse conteúdo.

A princípio, tínhamos em mente buscar perceber porque, tanto o material sobre Mercedes quanto o de Romana, omitiam alguns elementos da religião. Porém, entendemos a importância de tratar de forma delicada um conteúdo totalmente novo para um determinado grupo de pessoas e que, para o diferente ser aceito, é preciso ser explicado com calma, inserido aos poucos na vida do telespectador, para que, dessa maneira, pouco-a-pouco ele se torne um assunto “normal”. Sendo assim, a pesquisa acabou tomando outro rumo, e assim conseguimos encontrar aspectos

relevantes em comum entre religião, novela e documentário. Esses aspectos destacam que há várias referências dentro dos contextos examinados, e assim percebemos que uma pessoa não precisa se dizer religiosa para agir como tal, exatamente como é apresentado através de Romana e Mercedes.

Através da representação, apresentada aqui como um sistema linguístico diretamente ligado ao poder, explicamos os conceitos de identidade e diferença, e então o de multiplicidade, que implica em criar novos significados, novas formas de ver determinada coisa. O exemplo dado foi o preconceito, que normalmente parte da ignorância, o desconhecimento de uma certa identidade.

A multiplicidade traz novas formas de ver aquilo que é temido. Por isso é tão importante questionar e falar sobre temas tabu: para fazer uma desconstrução do conhecimento que se tem daqueles temas, e assim encontrar e criar novas formas de compreendê-los.

A identidade e a diferença estão diretamente ligadas ao discurso da mídia, que procura entender o perfil dos seus consumidores, e criar um padrão que consiga atingir o maior número possível de pessoas. Dessa forma, acaba criando um pensamento hegemônico, que mostra quem tem e quem não tem poder. Porém, a diversidade está cada vez mais presente, e exigindo representatividade, de modo que as grandes mídias acabam precisando tomar uma decisão: se vão ajudar a fortalecer o pensamento dominante e contribuir para o esquecimento das minorias, ou se vão trabalhar para buscar promover as minorias e ajudar a desconstruir pensamentos, arriscando perder um público mais conservador, porém, ao mesmo tempo, agregando e respeitando novos públicos.

Um exemplo de emissora que optou pelo pensamento dominante é a TV Record, que não apenas destaca unicamente a religião evangélica, quanto também desrespeita as demais - incluindo a católica, também cristã -, em determinados momentos. “[...] a gente vê isso acontecendo na televisão. [...] a gente se lembra da Igreja Universal do Reino de Deus, quando um pastor chutou a imagem da virgem Maria” (RAMOS, 2002, p. 22 *apud* BEZERRA; RODRIGUES, 2016, p. 76).

O fato de Romana e Mercedes possuírem mediunidade e, através dela, uma comunicação com guias espirituais, remete a uma crença no espiritismo, ou ainda em religiões de matriz africana. Porém, o espiritismo não utiliza santos, e as duas personagens possuem altares cheios de imagens, que incluem Orixás.

Como o Candomblé não utiliza imagens católicas, concluímos que, de fato, a semelhança entre o enredo da novela e a realidade de Romana remetem a uma crença na Umbanda, que aderiu ao sincretismo. Além dessas ligações com a Umbanda, podemos atribuir também o fato de Romana ser chamada de “Mãe” Romana, a mesma forma que os Umbandistas e Candomblecistas se referem às suas mães de santo; e o fato de Mercedes fazer uma oração pedindo, à “Mãe Maior” (Oxum), proteção para Gael. Embora haja apresentação da imagem de Oxum no altar de Mercedes, compreendemos que a menção de seu nome, ou ainda da palavra “Orixá” não é feita pela necessidade de agregar vários públicos simultaneamente, e pela intenção de começar a inserir a religião de forma mais leve, para começar a acostumar o público.

Quando mencionamos a multiplicidade como diferentes formas de ver determinado elemento, podemos utilizar um exemplo dado na presente pesquisa: a menção das oferendas (o axé). O sacrifício do animal é uma das razões pelas quais muitas pessoas têm aversão à religião, e mostrar o lado da caridade - doar a carne para os pobres, em conjunto ao exemplo de que o sacrifício também era feito na Bíblia em forma de holocausto – o que sequer sobrava a carne para doar – é quase uma inversão de valores quando o assunto é fazer ou não o bem. Esta seria, inclusive, uma abordagem interessante para tratar no futuro: por que os programas humorísticos satirizam – de forma crítica –, o sacrifício animal da Umbanda, enquanto o holocausto da Bíblia sequer é mencionado?

Enquanto isso, respondemos à nossa pergunta principal, que se dava em como é feita a representação da Umbanda no discurso da mídia. Ao contrário do que pensamos a princípio, Mercedes não esconde características da religião, pelo contrário. Ela se assemelha à Romana, e cada uma mostra, de sua maneira, elementos que têm representação semelhante dentro da religião. As referências são inegáveis, como percebemos no presente trabalho.

Entendemos através do nosso estudo que, na melhor das hipóteses, problematizando, inserindo aos poucos e, de preferência, através de personagens queridos, que encantem o público, é possível passar uma mensagem e fazer com que ela seja compreendida e aceita. Por isso a escolha de Fernanda Montenegro para a personagem, uma grande atriz brasileira, reconhecida internacionalmente, com certeza não foi em vão, apesar da atriz não ser negra, como Romana.

Essa forte escolha fica clara no final da novela, em que a última cena – a que é sempre tão aguardada pelo público – é de Mercedes, com uma fala semelhante à de Romana sobre o fim do mundo. Enquanto Mercedes (2018) afirma que “surgirá uma civilização sem guerra e ódio”, Mãe Elaine da Oyá (2018) versa que “para a pessoa transformar sua vida, tudo depende da fé que ela coloca naquilo que faz. [...] isso é o que mais importa. Ser uma pessoa boa de coração”.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA. **Os holocaustos**. Tradução de João Ferreira Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006. 1084 p. Velho Testamento e Novo Testamento.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS. **Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião**. Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espíritas-e-sem-religiao>> Acesso em 5 de set. 2018.

ARONCHI DE SOUZA, J. C. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

BASTIDE, R. **O Candomblé da Bahia: Rito Nagô**. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

BEHAVIORISMO RADICAL. **Lei do Carma x Lei do Retorno**. Disponível em <<http://baianojuvenal.blogspot.com/2016/08/lei-do-carma-x-lei-do-retorno.html>> Acesso em: 28 de set. 2018

BEZERRA, E. K.; RODRIGUES, F. S. **Da invisibilidade à visibilidade negativa das religiões de matriz africana na televisão brasileira**. Aracaju: Interfaces Científicas, 2016

BOL FOTOS. **Veja fotos da fictícia Pedra Santa, cenário de “O Outro Lado do Paraíso”**. Disponível em <<https://noticias.bol.uol.com.br/fotos/entretenimento/2017/10/24/veja-fotos-da-cidade-cenografica.htm#fotoNav=7>> Acesso em: 5 de nov. 2018.

CARRASCO, W. **Instagram**. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/BcVAFQ3Adc8/>> Acesso em: 21 de nov. 2018.

CARRASCO, W. **Instagram.** Disponível em <<https://www.instagram.com/p/BiKDYHrgMSf/>> Acesso em: 21 de nov. 2018.

CASTRO, D. **Sem vergonha de melodrama, Walcyr Carrasco rebate críticos: 'Não entenderam'**. Disponível em <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/sem-vergonha-de-melodrama-walcyr-carrasco-rebate-criticos-nao-entenderam-20433>> Acesso em: 21 de nov. 2018.

CORDEIRO, T. **Os sacrifícios de animais nas religiões afro-brasileiras.** Disponível em <https://super.abril.com.br/sociedade/os-sacrificios-de-animais-nas-religoes-afrobrasileiras/?fbclid=IwAR2d-aaEk6ATh_xfF8-m_zyqmnrBXoFgsSIE4Ys8wWJJw1DVLupDaK1oY1E> Acesso em: 11 de nov. 2018.

DUARTE, J; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo, SP: Atlas, 2010.

FERREIRA, N. **Globo reproduz região do Tocantins em cidade cenográfica de O Outro Lado do Paraíso.** Disponível em <<https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/noticia-da-tv/2017/10/globo-reproduz-regiao-do-tocantins-em-cidade-cenografica-de-o-outro-lado-do-paraíso>> Acesso em: 5 de nov. 2018.

FILMOW. **O Outro Lado do Paraíso: Ficha técnica completa.** Disponível em <<https://filmow.com/o-outro-lado-do-paraíso-t242389/ficha-tecnica/>> Acesso em: 28 de set. 2018

GSHOW. **Cenários de "O Outro lado do Paraíso" são um verdadeiro mergulho no Tocantins.** Disponível em <<https://gshow.globo.com/novelas/o-outro-lado-do-paraíso/noticia/cenarios-de-o-outro-lado-do-paraíso-sao-um-verdadeiro-mergulho-no-tocantins.ghtml>> Acesso em: 05 de nov. 2018

GSHOW. **O Outro Lado do Paraíso.** Disponível em <<https://gshow.globo.com/novelas/o-outro-lado-do-paraíso/>>. Acesso em: 28 de set. 2018.

HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. **Teorias da comunicação : conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

KELLNER, D. **A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LEIS ESTADUAIS. **Lei ordinária nº 12131, de 22 de julho de 2004**. Disponível em: <<http://leisestaduais.com.br/rs/lei-ordinaria-n-12131-2004-rio-grande-do-sul-acrescenta-paragrafo-unico-ao-artigo-2o-da-lei-no-11-915-de-21-de-maio-de-2003-que-institui-o-codigo-estadual-de-protecao-aos-animais-no-ambito-do-estado-do-rio-grande-do-sul>> Acesso em: 11 de nov. 2018.

MAGGIE, Y. **Guerra de Orixá: um estudo de ritual e conflito**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor LTDA, 2001.

MARTIN, M. **A Linguagem Cinematográfica**. Lisboa, Portugal: Dinalivro, 2005.

RAMOS, F. P. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

SILVA, T. T. (org); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SOUSA, R. G. **"Ateísmo"; *Brasil Escola***. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/religiao/ateismo.htm>>. Acesso em 20 de setembro de 2018.

SOUZA, J. C. A. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

TOCULT. **Documentário “Romana” retrata vida da moradora de natividade.** Disponível em <<http://tocult.com.br/2017/06/documentario-romana-retrata-vida-da-moradora-de-natividade.html>>. Acesso em: 27 de set. 2018.

TV ANHANGUERA. **Conheça mulher que inspirou Mercedes, personagem de O Outro Lado do Paraíso.** Disponível em <<https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/conheca-mulher-que-inspirou-mercedes-personagem-de-o-outro-lado-do-paraiso.ghtml>> Acesso em: 2 de nov. 2018.

ZILLES, U. **Teoria do conhecimento.** Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2006.

ANEXOS

ENTREVISTA – MÃE ELAINE DA OYÁ - 13/10/2018

Mãe Elaine de Oyá, Mãe de Santo residente de Santana do Livramento, RS.
Da casa da Mãe Oyá e Pai Xangô, de Umbanda nação Nagô Africano.

O que é uma casa de religião?

Casa de religião é o local onde as pessoas praticam e tratam sua fé e seu espiritual. Isto é, todo o lugar onde a pessoa vai encontrar Deus é uma casa de religião, seja centro de Umbanda, Igreja, Templo, etc. É onde se encontra a tua fé, teu Deus, e onde tu procuras sanar a tua doença espiritual.

É possível encontrar esse lugar não necessariamente por estar doente, por querer saber sobre o futuro, ou ainda buscar ajuda. Se tiveres fé, é lá que vais para desenvolvê-la, tendo a certeza que as coisas vão melhorar pra ti, no sentido espiritual. – Mas ainda assim tu podes ir em uma casa de religião para pedir ajuda por doenças da matéria – físicas.

O que é axé?

Tem vários significados, na verdade.

O significado da palavra é força, ânimo, energia positiva. Mandar axé para alguém, é desejar que essa energia do bem esteja sempre com a pessoa.

A comida dos Orixás – que não chamamos de “comida” é “axé”.

Axé é saudação. É energia.

Na nossa linha, também podem ser as facas, os búzios, a arma do Orixá. Coisas que a pessoa ganha ao longo da sua jornada dentro da casa de religião.

Por que se faz axé?

Se faz porque é a comida do santo. A pessoa pode fazer um axé como oferenda, para agradar, ou como forma de agradecimento.

O Santo precisa de um sacrifício. Por exemplo, se a pessoa é de santo, e tem um acotá sentado, mas não o alimenta há muito tempo e começa a fazer coisas que não deve, ele vai embora.

O que são os acotás?

A maioria dos orixás são sentados em pedra, que chamamos de acotá. Ogum é sentado em armas, mas a maioria dos orixás são sentados em acotás.

O que é um “acotá sentado”?

Assentamento. A pessoa dá comida para o acotá, e ali nasce seu Orixá. É dar vida para aquela pedra. A pessoa senta seu Orixá ali.

Para sentar Orixá em uma pedra, a pedra precisa ter vida: a mãe de santo coloca a pedra no meio da mão e tranca a respiração. Aí ela (a pedra) vibra se tiver vida. Quando acontece de o Orixá ir embora, a pedra para de vibrar.

Por que pessoas procuram a religião?

Há aquelas pessoas que procuram a religião por coisas banais, sem fé – o que não adianta. Para se encontrar em uma religião, é necessário fazê-lo com fé –. A religião não serve apenas para que a pessoa possa dizer que tem uma religião, ou para dizer que vai fazer algo específico – por exemplo, um trabalho para conseguir emprego –. Na nossa religião, procuram por doenças, amor, dinheiro, ambição, exibicionismo.

Mas também há aquelas que a procuram por necessidade, para o seu bem estar, para melhorar como pessoa, para ter uma ajuda espiritual.

Quando tu procurar uma casa de religião, faça isso com fé, acreditando realmente naquilo que existe ali dentro – no caso da Umbanda, são Deus, em primeiro lugar, e os Orixás.

Por que surgem os médiuns?

Ninguém surge ou escolhe ser médium. A pessoa nasce com a missão de desenvolver a mediunidade.

Todas as pessoas nascem com um pouco de mediunidade, tem algumas que desenvolvem e outras não. Existem pessoas com mediunidade mais avançada que outras, e precisam desenvolver.

Há vários tipos de mediunidade, como: ouvinte, que consegue apenas ouvir as entidades; sensitivo, que consegue sentir a presença das entidades; aquele médium que recebe entidade; aquele que vê coisas através de sonhos; o que pode jogar cartas; o que tem um sexto sentido, que consegue dizer alguma coisa para a pessoa só de olhar para ela. Também há aqueles médiuns de corrente na casa de religião.

As pessoas que têm mediunidade para ser desenvolvida acabam tendo a vida atrapalhada se não a desenvolvem. Dessa forma, as próprias entidades se encarregam de levar a pessoa para uma casa de religião, para que possam desenvolver. Todo médium passa por algo que vai levá-lo para uma casa de religião, seja um problema, uma doença, etc.

Dentro da religião, mesmo que a pessoa entre por opção própria – sem necessariamente ter um problema que a leve até a casa de religião –, acaba desenvolvendo a mediunidade com o tempo, mesmo que não seja ocupada, as entidades ficam mais perto em uma corrente.

Nós não escolhemos os guias, eles que nos escolhem. Então, mesmo que a pessoa não receba, o guia vai estar sempre por perto.

O que é corrente?

Corrente é um círculo de pessoas onde tem uma união de energias. Com duas pessoas já pode ser feita uma corrente. Uma corrente de religião geralmente é uma união de energias positivas, uma sintonia de pessoas na mesma vibração.

Uma corrente de santo (Orixá) é de muita energia. O Orixá, na lei da nossa casa de religião, é a parte de maior energia. Tem os Orixás de energia mais leve – Orixás de praia –, e os de energia mais forte – Orixás de guerra.

Para participar de uma corrente, precisamos estar em paz, tranquilos, para que possa fluir coisas boas. Não podemos ir com sentimentos de raiva, angústia, etc.

Dentro de uma casa de religião, precisamos estar voltados para o lado espiritual, para a energia do espírito, para os Orixás, caboclos, e tudo de bom que temos lá dentro.

A casa de religião não é um passe de mágica. As pessoas precisam aprender a ser médium, assim como para ser médico, ou cozinheiro. Existem regras.

- Banho de descarga é fundamental;
- Ser uma pessoa que não guarde mágoa;
- É necessário limpar seu coração de sentimentos ruins;
- Precisa saber que vai fazer caridade, que vai ajudar o próximo.

O que são “as facas”?

São as armas de trabalho. A defesa. Quando uma pessoa faz obrigação, as facas são dadas para ela. É o axé que se ganha em cada obrigação. A primeira faca é do Orixá de cabeça (que será usada nos seus cortes), a segunda faca é do Bará, a terceira é do Orixá do teu corpo, a quarta e última faca do Orixá de cabeça é usada para os cortes de quatro pés (carneiro, cabrito e ovelha).

O que é obrigação?

Axé, sacrifício de animais – a comida que nós damos para os pais (Orixás).

O que é liberação?

Cada santo tem a sua conta. A conta da Oxum, por exemplo: dá 8 comidas para o seu Orixá. Todos anos a pessoa dá uma conta – o médium vai para o chão, em obrigação, e fica um determinado número de dias lá. Não tem um número exato. Na verdade, o certo seria ficar 7 dias no chão, mas isso vai depender da mãe de santo, da casa, se o Orixá já comeu. Podem ser mais dias, ou até menos.

A comida do santo é uma vez por ano. De preferência, 8 anos consecutivos.

Depois da primeira obrigação já pode ter os santos – que a mãe de santo sentou – em casa, em acotás. A liberação vem com a última faca.

O que são os escurecidos?

Espíritos que andam vagando entre nós, e ainda não evoluíram, não encontraram luz. Se ele ocupar uma pessoa, ele só vai trazer coisas ruins, pois ainda não encontrou a luz.

O termo “escurecido” é mais usado dentro do espiritismo. Na Umbanda, chamamos de **Egum**. São os mortos que ainda estão vagando.

O que são os espíritos de luz?

Espírito de luz, no espiritismo, é aquele espírito que evoluiu e voltou com luz. Uma pessoa que faleceu, se desenvolveu, evoluiu, e voltou. Na Umbanda é diferente. Espírito de luz é um caboclo, preto velho. Exemplos são Ogum, que é um espírito de luz guerreiro. Xangô, As mães d'águas, Orixás, São Cipriano.

Os Orixás são espíritos de maior grandeza, dos espíritos de luz. É o mais evoluído.

O que é um banho de descarga?

O banho que a pessoa faz pra tirar energias ruins, descarregar. As ervas são específicas para isso.

Exemplos: Pitangueira serve para afastar os eguns, almas, escurecidos; Alecrim é para Oxalá, tira energia ruim, traz paz, clareza, tranquilidade; Dendê é do Bará, além de liberar a carga ruim, abre os caminhos para que a pessoa consiga melhorar financeiramente.

O que é o charlatanismo dentro da religião?

As pessoas inventam muitas coisas. Virou muito comércio. Visam muito a mentira para tirar dinheiro das pessoas.

Uma pessoa não pode dizer que é mãe de santo se ainda não fez obrigação e não chegou à liberação, e as pessoas se dizem mãe e pai de santo.

Para ser mãe de santo e formar uma corrente, precisa ter capacidade. Para isso, é necessário ter axé, liberação. Até poderia fazer uma corrente, mas entra a

questão da responsabilidade: mesmo tendo Orixá sentado, os guias sentados, com os exu sentados, está sujeito a alguma das pessoas pegar uma energia ruim, um escurecido, egum, na corrente. Então tem que haver uma preparação da mãe ou pai de santo – e fazer no lugar certo – para saber lidar com os problemas, caso haja algum.

A pior parte do charlatanismo é o momento que uma pessoa está usando de má fé com a outra. Porque a pessoa procura a casa de santo com fé, acreditando, esperançosa que vai melhorar, que seu problema será resolvido, e o charlatão está apenas querendo o lucro.

É um desrespeito à religião, porque é aí que ela começa a ser apedrejada, com base nessas mentiras.

Por isso é importante, também, saber que o santo chega somente mediante à batida de um tambor, em uma sessão – na corrente. Ou na matança, na hora da obrigação. Ele precisa de um ambiente religioso.

O Orixá só chega nesses momentos. Se ele se aproximar em algum outro momento, é porque ele está por te levar. O Orixá não se encosta simplesmente. Ele só vem para anunciar a partida do médium. A pessoa pode se ocupar, ou apenas sentir a energia. É como uma forma de aviso.

Outra coisa importante de saber é que o Orixá não fala. Ele só vai falar quando a mãe de santo der o axé de fala – na obrigação.

Já o africano – o espírito de luz –, diferente do Orixá, pode chegar em qualquer lugar, se o médium se concentrar.

Qual é o lado ruim da religião?

A religião não tem um lado ruim. Ela é boa, porque todas as entidades – Orixás, caboclos, exus –, todos os pais são bons, são de uma grandeza imensa.

Quem é ruim é o médium – o ser humano –. Não existe religião ruim. Quem faz a parte ruim é o ser humano, que usa a religião para outros fins.

O que são os Orixás?

Orixás são elementos da natureza. Na nossa linha, cultuamos os seguintes Orixás:

- **Bará** – Orixá de guerra. Dono dos caminhos, dono da chave, do trabalho, prosperidade financeira. Suas representações na natureza são a terra e o fogo.
- **Ogum** – Orixá de guerra. Guerreiro, vencedor de demandas, dono do trabalho, senhor do ferro e da prosperidade. Suas representações na natureza são o ferro, a terra e o fogo.
- **Oyá** – Orixá de guerra. Dona dos ventos, das tempestades, paixões, amores violentos, senhora das tardes, dona dos Eguns. Ela reina os Eguns. Dona da fartura, da panela, da taça da vida. Suas representações na natureza são o vento, o raio e a tempestade
- **Xangô** – Orixá de guerra. Dono do buraco, da justiça, da garganta, dono da voz. Sua representação na natureza é o trovão.
- **Ossanha** – Orixá de guerra. Dono dos pés, dos caminhos, da fartura, prosperidade, dinheiro.
- **Odé Otim** – Orixá de praia. É o equilíbrio. Crianças (os filhos, o equilíbrio emocional, da família, da casa de religião) – Diferente de **Erê**, que são espíritos de criança, não orixá.
- **Obá** – Orixá de guerra. Dona da orelha, dona do corte, a faca de dois gumes. Dona de intrigas, de enredo, de conversa. Vence demanda. Sua representação na natureza é a correnteza das águas.
- **Xapanã** – Orixá de guerra. Dono da doença, chagas, da vassoura, invisível, da medicina astral, dos animais. Suas representações na natureza são a medicina astral e as ervas.
- **Oxum** – Orixá de praia. Dona do ouro, da fartura, da doçura, do amor, da família, dos filhos, da maternidade, gravidez. Suas representações na natureza são as águas doces e a chuva fraca.
- **Iemanjá** – Orixá de praia. Senhora da clareza, da maternidade, do ventre, da sabedoria, do pensamento, da educação. Suas representações na natureza são a água doce que corre para o mar, e as águas do mar.
- **Oxalá** – Orixá de praia. Pai maior. Dono da sabedoria, da paz, da clareza, tranquilidade, prosperidade, da riqueza. Suas representações na natureza são a atmosfera e o céu.

O que são exu e pombas-gira?

Exu e pomba-gira são a mesma coisa. Um é exu feminino, o outro masculino. Aí tem as variedades dos nomes de cada um.

São os espíritos que estão mais próximos de nós - estão entre nós. E são também os que trabalham mais rápido.

As pessoas acham que o exu é ruim, mas na verdade é ele quem trabalha. Lidamos com o exu para ele nos descarregar, para abrir os caminhos, então o doutrinamos e o levamos para o lado positivo.

Tem casas que o levam para o lado negativo, mas na nossa lei, na nossa casa, o exu é usado para o nosso benefício. Nós o trazemos para o lado positivo, pois precisamos de equilíbrio. Não lidamos com ele no lado negativo.

O exu é o escravo do santo. É ele quem caminha, corre, trabalha.

Nós tratamos o exu como qualquer outra entidade, mas sabendo que ele é mais traiçoeiro. Ele dá e tira. O santo não tira o que te deu, a menos que a pessoa realmente não seja merecedora.

O exu cobra. A pessoa dá algo pra ele, ele também dá. Se a pessoa não dá, ele pode tirar o que deu. Mas nossa casa não visa muito isso. Quem trabalha mais com exu, é a Quimbanda.

Casas quimbandeiras são as que trabalham com exu. As casas santeiras são as casa que trabalham com santo. A minha casa é santeira.

Nós temos o lado positivo e o negativo, enquanto seres humanos. O lado positivo é o santo. O negativo, é o exu. Então doutrinamos esse lado negativo para fazer o bem.

Às vezes a gente dá pro santo, e quem vai trabalhar pra ele será o exu, por ser seu escravo.

O exu é mais fraco que os Orixás. Ninguém é superior a eles (Orixás). Mas precisamos do exu, também.

As casas que lidam com exu normalmente o usam para demanda. Demanda é fazer maldade para os outros. Não fazemos isso na nossa casa.

Qual a diferença entre Umbanda e Candomblé?

O ritual é diferente. O processo de obrigação. São os mesmos Orixás – eles têm mais Orixás do que nós.

O ritual de servir o Orixá também é diferente. A maneira de servir, as obrigações, as rezas, as cores, as batidas nas rezas. São cultos diferentes. Maneiras diferentes de cultuar os orixás.

O Candomblé surgiu primeiro, é africano. Já a Umbanda foi fundada no Brasil em 1917, é afro-brasileira.

Quando os negros – escravos – vieram para o Brasil, eram proibidos de cultuar a sua religião. Os negros eram catequizados para se tornarem católicos. Então começaram a identificar quais santos católicos tinham as características mais semelhantes às de seus Orixás, para que pudessem continuar cultuando os Orixás sem ser punidos. Assim nasceu o sincretismo na Umbanda. Assim também surgiu a capoeira: como eles não podiam dançar como culto aos orixás, criaram a capoeira, assim servia como dança e também forma de luta para se defender.

Os brasileiros-portugueses não sabiam que eles dançavam pra cultuar os Orixás, então eles podiam dançar, mas agregavam também a luta para se defender.

Como defende o sacrifício dos bichos?

As pessoas veem o sacrifício com maus olhos, mas antes de Cristo os bichos já eram sacrificados, está na Bíblia. Além disso, podemos comer quando eles não são usados para fazer limpeza – descarrego –. Quando é feita limpeza, eles devem ser despachados, pois carregam consigo todo o negativo retirado da pessoa.

Porém, quando o bicho é um presente para o Orixá ou algo semelhante, fica a critério do médium escolher se quer levar o bicho para casa, para se alimentar, ou se ele será dado em forma de caridade.

Lá em casa, quando sobra muitos bichos e as pessoas não querem levar, eu dou para os pobres. Tem uma vila que eu sempre distribuo. É uma caridade. Não é um bicho que está saindo com demanda, e nem nada de ruim. Foi simplesmente oferecido o sangue para o Orixá. É o axé - o sangue do santo é o axé.

Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre a religião?

Tudo isso que eu ensinei, que Orixá é sentado em pedra, que cada um vai dentro da sua bateia, e que vai pras prateleiras, o teu Orixá quem vai tocar é a mãe de santo e a pessoa que vai amadrinhar o médium na obrigação. Mais ninguém fica tocando na bateia. A madrinha fica, pois ela precisa saber o que tem ali, pois ela vai ajudar a organizar. Já outras pessoas não devem ficar mexendo, pois a pessoa que está em obrigação faz os seus pedidos ali na bateia, e outra pessoa chegar para mexer, corre o risco de fazer pedidos contrários, com má intenção.

Quando a pessoa vai pro chão, fica a bacia, onde são arrumados os Orixás com suas armas. Quem tem armas vai o acotá e as armas. Quem não tem, vai o acotá e tudo o que vai dentro da bateia.

Não é só a pedra jogada dentro do alguidá. Ela fica junto a todos os objetos que pertencem àquele Orixá. Por exemplo, no alguidá da Oxum, de vidro, vão enfeites, colar e moedas.

Porém, independente de como é feito o ritual na casa, independente da mãe de santo, a religião é a fé da pessoa. Ela está acima de qualquer coisa. Não importa o que foi oferecido e/ou quantidade. O que importa é a fé, a crença naquilo que está fazendo.

Seja dando um quatro-pé ou uma vela, a pessoa será atendida da mesma maneira, desde que tenha fé. Para a pessoa transformar sua vida, tudo depende da fé que ela coloca naquilo que faz.

A pessoa pode não ser tão evoluída na hierarquia da religião, mas se for uma pessoa boa, iluminada, isso é o que mais importa. Ser uma pessoa boa de coração.